

DIÁLOGOS SOBRE A TECNOLOGIA E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA ANÁLISE DOCUMENTAL DE MATÉRIAS DE JORNAL ONLINE

DIALOGUES ON TECHNOLOGY AND CHILD DEVELOPMENT: A DOCUMENTARY ANALYSIS OF ONLINE NEWSPAPER ARTICLES

Recebido em: 10/05/2025

Aceito em: 30/08/2025

Publicado em: 22/09/2025

Alicya dos Santos Barbosa¹ 
Centro Universitário Vale do Salgado

Ísis Chaves de Oliveira Moura² 
Centro Universitário Vale do Salgado

Heitor Bastos da Silva³ 
Centro Universitário Vale do Salgado

Clarice Costa Pinheiro⁴ 
Centro Universitário Vale do Salgado

Isabela Bezerra Ribeiro⁵ 
Centro Universitário Vale do Salgado

Resumo: Este estudo analisou oito matérias sobre os impactos do uso da tecnologia no desenvolvimento infantil, de 2023 a 2025, nos portais G1 e R7 Notícias. Identificou-se três eixos centrais para discussão do tema. Em suma, há enfoque no aspecto neuropsicológico, porém, algumas trazem essa discussão para o campo social, citando aspectos pertinentes ao tema. Conclui-se que a articulação entre mídia, escolas e famílias é urgente para promover um uso equilibrado da tecnologia na infância.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil; Telas; Redes sociais; Psicologia.

Abstract: This study analyzed eight articles about the impacts of technology use on child development, published between 2023 and 2025 on the news portals G1 and R7 Notícias. Three central axes for discussing the topic were identified. In summary, there is a focus on the neuropsychological aspect, although some articles bring this discussion to the social field, mentioning pertinent aspects. It is concluded that the articulation between media, schools, and families is urgent to promote a balanced use of technology in childhood.

Keywords: Child Development; Screens; Social Media; Psychology.

INTRODUÇÃO

O crescente uso da tecnologia no cotidiano tem transformado os processos de desenvolvimento infantil, acarretando impactos positivos e negativos em diferentes dimensões

¹ Aluna do curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail: alicyabarbosa098@gmail.com

² Aluna do curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail: isisolich@gmail.com

³ Aluno do curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail: heitorbastos18@gmail.com

⁴ Aluna do curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail: claricecpinheiro@gmail.com

⁵ Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora no Centro Universitário Vale do Salgado. E-mail: isabelaribeiropsicologa@gmail.com

desse período. Nesse cenário, os pais exercem um papel fundamental na mediação do acesso à internet, sendo responsáveis tanto por introduzir as crianças ao ambiente digital quanto por estabelecer limites ao uso. Embora a maioria dos pais reconheça os possíveis prejuízos, muitos ainda adotam uma postura permissiva (Câmara *et al.*, 2020).

A integração entre educação e tecnologia, quando fundamentada em uma abordagem crítica e equilibrada, pode fomentar a construção de competências cognitivas e socioemocionais. Reitera-se na literatura a necessidade de mediação por parte de pais e educadores, garantindo uma relação saudável com o conteúdo digital e promovendo o letramento midiático (Inácio *et al.*, 2019). A escola, enquanto espaço central de construção de significados, deve incorporar as tecnologias digitais em suas metodologias, sem, contudo, abandonar estratégias pedagógicas tradicionais.

Nesse sentido, como destacam Rosa e Souza (2021), a internet tornou-se um elemento indissociável do desenvolvimento humano contemporâneo, especialmente para a geração Z – frequentemente denominada de “nativos digitais”. Diante desse cenário, é quase inconcebível analisar processos de socialização, aprendizagem e estruturação afetiva sem considerar o papel transversal da internet.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) atualizou, em 2024, um manual de orientações sobre o uso de tecnologias por crianças e adolescentes publicado em 2019, onde destaca riscos à saúde física e mental, como prejuízos cognitivos, na linguagem e na socialização e apresenta recomendações (SBP, 2019). No entanto, questiona-se até que ponto essas diretrizes têm alcançado os responsáveis de forma eficaz, frente ao crescente uso desenfreado pelo público até 12 anos de idade.

Embora existam recomendações técnicas, sua divulgação não é amplamente difundida, restringindo-se, em muitos casos, a veículos de mídia menos tradicionais, como revistas e jornais virtuais, assim como conteúdos produzidos para as redes sociais. Diante desta realidade, é pertinente explorar o conhecimento produzido sobre os aspectos do desenvolvimento infantil que estão sendo atravessados e modificados pelo uso da internet no cotidiano, sobretudo considerando melhorias e prejuízos e a maneira como a parentalidade contemporânea no Brasil entra em contato com as informações.

Neste contexto, o presente trabalho é fruto de um projeto de iniciação científica dos autores. Tal iniciativa busca abordar aspectos do desenvolvimento humano no período da infância, afetividade e educação, sob a perspectiva da Psicologia do Desenvolvimento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo adotou a análise documental como método de investigação, com base em matérias jornalísticas publicadas entre 2023 e 2025 nos portais R7 Notícias e G1, selecionadas por abordarem a relação entre tecnologia, desenvolvimento infantil e parentalidade. Optou-se pelo R7 Notícias e G1 devido a seu amplo alcance nacional, acesso gratuito ao site e relevância editorial, critérios que garantem a representatividade do corpus.

A análise documental, conforme Kripka, Scheller e Bonotto (2015), consiste em uma abordagem sistemática para coleta e interpretação de dados, permitindo a reconstrução crítica de fenômenos sociais a partir de fontes diversificadas. A coleta de dados foi realizada a partir de uma pesquisa feita no site de buscas *Google.com*, utilizando os termos infância e tecnologia. Foram selecionadas as matérias que abordassem o tema escolhido, com enfoque nos dois sites citados. Através disso, foi selecionado um número de 25 de matérias, das quais foram discutidas apenas oito. Estas foram escolhidas pelos títulos e conteúdo chamativo, de caráter alarmante e/ou informativo. Além disso, a prioridade foi para o material escrito e com autoria explícita. As matérias alvo da discussão foram organizadas no quadro abaixo.

Quadro 1 – resultado da coleta de dados.

Nº	Ano de publicação	Fonte	Título da matéria
1	2025	noticias.r7.com	Políticas combatem uso de telas por crianças, mas conteúdos de engajamento ampliam desafio
2	2025	g1.globo.com	Governo lança guia sobre uso de celulares e outros dispositivos por crianças e adolescentes
3	2025	g1.globo.com	Dependência de celulares pelas crianças é semelhante ao vício em drogas, alerta especialista
4	2025	noticias.r7.com	Quatro em cada dez crianças de até 2 anos acessavam a internet no Brasil, em 2024
5	2024	g1.globo.com	Entenda como uso exagerado de celulares afeta a concentração de crianças e adolescentes
6	2024	g1.globo.com	“Geração ansiosa”: transtornos mentais em crianças que vivem grudadas no celular aumentam no mundo todo
7	2023	g1.globo.com	Uso excessivo de telas afeta o desenvolvimento das crianças; especialista de Manaus explica
8	2023	g1.globo.com	Crianças e adolescentes no celular: uso exagerado afeta o cérebro e a concentração; veja o que fazer

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Para a análise, foram empregadas técnicas de categorização temática, contrastando as perspectivas das matérias com a literatura científica sobre o tema. Essa triangulação entre fontes midiáticas e acadêmicas visa enriquecer a discussão sobre como o discurso público reflete ou diverge das evidências científicas. As categorias analíticas foram determinadas conforme o debate das notícias, a saber: (a) Impactos no desenvolvimento cognitivo; (b) Barreiras à mediação parental; (c) Orientações de uso em contexto educacional e familiar.

IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Dentre os resultados, a maioria das matérias selecionadas se encaixa nesse enfoque, informando sobre as consequências do uso desenfreado das tecnologias por crianças com foco em como o cérebro infantil recebe esses estímulos e as consequências disso a longo prazo. Segundo a matéria de número 7, por exemplo, publicada pelo G1, muitos são os impactos no desenvolvimento do cérebro e na concentração, decorrentes do uso exagerado dos dispositivos eletrônicos. A explicação para tais malefícios se dá pelos estímulos rápidos das telas, que liberam dopamina no cérebro, propiciando a sensação de bem-estar, recompensa e prazer.

Entretanto, essa sensação causada pelo excesso do contato com os estímulos não é sadia e acarreta em consequências como a impulsividade e prejuízos no raciocínio. Além disso, a utilização exacerbada das tecnologias de informação pode ocasionar prejuízos no desenvolvimento da fala.

Nesse cenário, conforme Câmara *et al.* (2020), o uso precoce e inadequado da tecnologia por crianças e adolescentes e o consequente abandono de outras atividades recreativas, pode desencadear uma série de prejuízos nos aspectos biológicos, psicológicos e comportamentais, o que acarreta em malefícios na vida adulta, como enxaqueca, obesidade, problemas posturais, dores musculares e a propensão à vícios. Como também apontado na matéria do G1 de número 6, isto acende um alerta para o desenvolvimento de transtornos de ansiedade e depressão, ou ainda outros transtornos do desenvolvimento, apresentando prejuízos significativos na cognição e no comportamento, como dificuldades na convivência, interação social e postura agressiva, pelo estresse gerado através dos múltiplos estímulos.

Essa exposição contínua a estímulos pode acarretar o desenvolvimento da ciberdependência, cujas implicações são evidenciadas pela matéria 3 que, já no seu título, associa a sensação semelhante ao vício em drogas, tornando o usuário dependente dessa tecnologia. A chamada “nomofobia” é definida como o medo irracional de ficar sem um celular

ou de não conseguir usá-lo, por qualquer que seja o motivo, seja essa falta de acesso a internet ou até mesmo baixa bateria (Alves *et al.*, 2021).

Talvez a discussão dos jornais esteja relacionada ao fato do desenvolvimento cerebral e da maturação no sistema nervoso que pode sofrer interferências quando o abuso da tecnologia é recorrente durante o desenvolvimento da criança. O excesso de telas durante o desenvolvimento impacta diretamente no processo de neuroplasticidade, que é referente a capacidade do cérebro se adaptar e aprender através dos estímulos ambientais.

Esse processo é presente ao longo de toda a vida do sujeito, porém tem seu ápice durante os anos iniciais de desenvolvimento. Diante disso, é essencial que durante esse período, haja uma variação dos estímulos apresentados à criança, já que isso determinará aspectos como o ritmo de sua aprendizagem e o seu comportamento para evitar efeitos indesejáveis de manejo mais complicado na idade adulta (Costa, 2023).

Crespi, Noro e Nóbile (2020, s.p.) denotam os chamados períodos sensíveis, que os autores definem como “intervalos em que os mecanismos de plasticidade cerebral estão especificamente ativos e mais suscetíveis a receber a estimulação adequada proveniente do ambiente”. Esses são determinantes durante o desenvolvimento, e a estimulação que é oferecida tem papel chave durante esse período. Vale ressaltar: habilidades não adquiridas durante esses períodos podem ser aprendidas posteriormente, já que os períodos sensíveis são apenas momentos de maior plasticidade, mas o aprendizado é um processo que é presente durante toda a vida, como citado no parágrafo anterior.

BARREIRAS À MEDIAÇÃO PARENTAL

Um fator importante a mencionar é que o modelo das mídias sociais atualmente é projetado para favorecer o maior tempo de uso dos usuários, e as crianças não escapam disso. O design e o algoritmo são adaptáveis à necessidade de cada um, o que prende a atenção em conteúdos especialmente voltados para as preferências dos internautas, uma realidade retratada na matéria de número 1.

Todavia, baseando-se nas reflexões propostas por Inácio *et al.* (2019) e considerando o desafio gerado por esse contexto em regular o acesso, se torna crucial fazer uma análise à ótica do desenvolvimento infantil, quando há uma maior vulnerabilidade desse público às luzes, cores e sons em excesso, gerando uma hiperestimulação que as crianças não têm capacidade crítica para questionar e enfrentar sozinhas. Os pais são essenciais na formação das crianças e precisam se responsabilizar pela supervisão no que diz respeito ao tempo de uso, a frequência e aos

conteúdos os quais os filhos têm interesse e acesso. Entretanto, na maioria das vezes são os próprios responsáveis que disponibilizam e introduzem a criança aos aparelhos, principalmente para distraí-las ou acalmá-las quando precisam fazer alguma tarefa. Nessa perspectiva, é primordial que os pais tenham conhecimento sobre os riscos da exposição à tecnologia para as crianças e entendam sobre os seus papéis no desenvolvimento pleno delas (Câmara *et al*, 2020).

Na matéria de número 8, o autor traz algumas recomendações dadas por especialistas quanto à mediação dos pais. A primeira delas é estabelecer ambientes ou momentos onde é proibido o uso de alguma tecnologia. Além disso, denota ainda a importância de estimular a criança a fazer atividades que não usem telas, como praticar algum esporte ou fazer atividades ao ar livre.

Outrossim, é abordado como os pais e responsáveis deveriam usar menos a tecnologia para atuarem como modelos de comportamento, pois nessa fase da vida há uma tendência à imitação de suas referências afetivas como mecanismo de aprendizagem (Inácio *et al.*, 2019). Apesar das recomendações, segundo o estudo feito por Becker e Donelli (2024), em muitos casos, mesmo cientes dos possíveis prejuízos no desenvolvimento, a tecnologia se caracterizou como algo para suprir algumas demandas dos pais.

Devido às longas jornadas de trabalho, por vezes os pais se encontram cansados e a tecnologia surge como uma alternativa fácil para distrair as crianças enquanto eles realizam tarefas diárias. A matéria 4 dá validade a essa noção com uma pesquisa cuja a conclusão revela que, os pais tendem a usar do apoio das telas com crianças nos anos iniciais de vida, justamente quando as orientações quanto ao acesso são mais restritivas de modo taxativo, pois é um período no qual as mesmas tendem a demandar mais da atenção desses pais. Posteriormente, por já estarem habituadas ao uso diário do celular, quando os pais pretendem retirar o aparelho das crianças, elas costumam entrar em crise devido à ciberdependência, que, pelas sobrecargas do cotidiano, os pais acabam cedendo (Rosa; Souza, 2021).

ORIENTAÇÕES DE USO EM CONTEXTO EDUCACIONAL E FAMILIAR

No contexto educacional, as tecnologias podem ser grandes aliadas nas práticas pedagógicas, dinâmicas e lúdicas. No entanto, para que o uso não se torne prejudicial, é papel dos pais e educadores exercer controle e mediar as crianças no momento do contato com os dispositivos e recursos digitais, tendo em vista que são a rede de maior aproximação e influência durante a infância.

A matéria de número 5 anuncia a aprovação de um projeto de lei que proíbe o uso de celular dentro das escolas, considerando os possíveis prejuízos citados, como déficit na concentração e os impactos na maturação cerebral devido ao excesso de estímulos gerados pelas telas. Com o acesso a internet cada vez mais cedo, as crianças acabam sendo hiperestimuladas e reproduzindo comportamentos da fase adulta. Antes, a infância, marcada por brincadeiras e jogos, permitia o desenvolvimento da criatividade, da expressão espontânea a socialização com outras crianças, mas isso agora é substituído pelo acesso a celulares e tablets (Inácio *et al.*, 2019).

Apesar do grande enfoque nos prejuízos gerados pela tecnologia, por parte das mídias analisadas, cabe evidenciar que, se usadas de forma complementar, o uso de celulares, tablets e televisões podem apresentar contribuições para a educação, para incentivar o engajamento nas atividades como para fins de acessibilidade por parte de estudantes com alguma deficiência. Para que isso seja possível, é necessária uma análise crítica pelo corpo docente para selecionar tanto as tecnologias quando os estímulos apresentados através delas (Silva; Bilessimo; Machado, 2021).

Como forma de combater essa situação, o Governo Federal divulga a publicação do material “Crianças, adolescentes e telas: guia sobre usos de dispositivos digitais”. Este tem como objetivo atingir todos os públicos que são atravessados por essa realidade e educar acerca das formas de enfrentamento e uso consciente para a construção de práticas mais saudáveis que reduzam os impactos do uso excessivo de telas.

A matéria 2, de caráter mais informativo, se debruça sobre as principais contribuições do guia. Ele, por sua vez, corrobora com os apontamentos científicos mais recentes e apresenta um cuidado maior ao discutir a temática de modo a evitar reducionismos e terrorismos destinados aos responsáveis e educadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a literatura e as matérias analisadas ofereçam contribuições relevantes para a discussão, é importante reconhecer que não esgotam todos os aspectos da problemática investigada. Adicionalmente, a seleção de apenas dois portais de notícias como fontes primárias limita a representatividade dos dados, o que demanda cautela na generalização dos resultados. Sugere-se que futuras pesquisas ampliem o escopo de fontes e adotem abordagens metodológicas mistas para uma compreensão mais abrangente do fenômeno.

Do ponto de vista psicossocial, torna-se urgente fomentar discussões aprofundadas sobre os impactos do uso tecnológico no desenvolvimento infantil e possíveis consequências durante toda a vida, considerando que as crianças de hoje constituirão a base da sociedade futura. É fundamental, contudo, que essas reflexões transcendam perspectivas individuais e contemplem o panorama macroestrutural da revolução tecnológica - incluindo suas transformações em todas as esferas sociais. Cabe destacar que essas mudanças são igualmente desafiadoras para todas as gerações, evidenciando a necessidade de desenvolver recursos e diretrizes que apoiem pais e educadores na mediação de um uso mais saudável e crítico das tecnologias.

A análise permite constatar que, embora as mídias digitais cumpram um papel fundamental na disseminação de informações em massa, frequentemente recorrem a abordagens sensacionalistas que privilegiam o impacto em detrimento da precisão contextual. Esse fenômeno se manifesta especialmente na veiculação de conteúdos fragmentados e pouco aprofundados, que podem distorcer a compreensão pública sobre temas complexos.

Diante da migração progressiva do consumo midiático para plataformas digitais, torna-se imperativo que a produção jornalística qualificada transponha os limites dos portais tradicionais e ocupe efetivamente o espaço das redes sociais, onde pode alcançar públicos diversos através de linguagens adaptadas sem perder o rigor informativo. Assim, como estratégia para mitigar os impactos negativos identificados, propõe-se uma ação conjunta entre famílias e instituições educacionais, visando tanto a potencialização dos benefícios tecnológicos quanto a redução de práticas prejudiciais.

Nessa perspectiva, é crucial superar dicotomias simplistas que opõem tecnologia e desenvolvimento saudável, reconhecendo que a completa eliminação desses recursos do cotidiano infantil se mostra inviável no contexto atual - quando não contraproducente, por implicar a socialização e integração estudantil, assim como por impedir a construção de abordagens pedagógicas híbridas que integrem inovação e métodos consagrados. A elaboração de novas metodologias adaptadas às demandas contemporâneas emerge, assim, como caminho necessário para uma mediação equilibrada, referência de um uso saudável das telas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Iasmim. Políticas combatem uso de telas por crianças, mas conteúdos de engajamento ampliam desafio. **R7**, Brasília, 29 mar. 2025. Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/politicas-combatem-uso-de-telas-por-criancas-mas-conteudos-de-engajamento-ampliam-desafio-29032025/>. Acesso em: 29 mar. 2025.

ALVES, L. B.; ANTONIO, D. S.; LAUX, R. C. Nomofobia: uma análise bibliométrica. **Revista Tecnologia e Sociedade**, [S. l.], v. 17, n. 46, p. 246-263, 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/12661>. Acesso em: 15 mar. 2025.

BECKER, D.; DONELLI, T. M. S. “Nem sempre funciona, mas ajuda”: percepções parentais sobre a exposição do bebê às telas. **Psicologia em estudo**, [S. l.], v. 29, p. e54957, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/zLHd6DKCYLQrNjbFK9FPGPv/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2025.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. **Crianças, adolescentes e telas: guia sobre usos de dispositivos digitais**. Brasília: Secretaria de Comunicação Social, 2025. Cartilha. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes/guia>. Acesso em: 15 mar. 2025.

CÂMARA, H. V. et al. Principais prejuízos biopsicossociais no uso abusivo da tecnologia na infância: percepções dos pais/Main biopsychosocial damages in abusive use of child technology: parental perceptions. **ID on line**. Revista de psicologia, [S. l.], v. 14, n. 51, p. 366-379, 2020. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2588/4088>. Acesso em: 15 mar. 2025.

COSTA, R. L. S. Neurociência e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], v. 28, p. e280010, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/ZPmWbM6n7JN5vbfj8hfbfyfK/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2025.

CRESPI, L.; NORO, D.; NÓBILE, M. F. Neurodesenvolvimento na Primeira Infância: aspectos significativos para o atendimento escolar na Educação Infantil. **Ensino em Re-Vista**, [S. l.], v. 27, n. Especial, p. 1517–1541, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/57449>. Acesso em: 15 mar. 2025.

CUNHA, Marcela. Governo lança guia sobre uso de celulares e outros dispositivos por crianças e adolescentes. **G1**, Brasília, 11 mar. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2025/03/11/governo-lanca-nesta-terca-guia-com-recomendacoes-sobre-uso-de-celulares-e-outros-dispositivos-por-criancas-e-adolescentes.ghtml>. Acesso em: 29 mar. 2025.

Dependência de celulares pelas crianças é semelhante ao vício em drogas, alerta especialista. **G1**, Belo Horizonte, 14 fev. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2025/02/14/dependencia-de-celulares-pelas-criancas-e-semelhante-ao-vicio-em-drogas-alerta-especialista.ghtml>. Acesso em: 29 mar. 2025.

Entenda como uso exagerado de celulares afeta a concentração de crianças e adolescentes. **G1**, Campinas, 13 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2024/11/13/entenda-como-uso-exagerado-de-celulares-afeta-a-concentracao-de-criancas-e-adolescentes.ghtml>. Acesso em: 29 mar. 2025.

“Geração ansiosa”: transtornos mentais em crianças que vivem grudadas no celular aumentam no mundo todo. **G1**, Rio de Janeiro, 19 maio 2024. Disponível em:

<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2024/05/19/geracao-ansiosa-transtornos-mentais-em-criancas-que-vivem-grudadas-no-celular-aumentam-no-mundo-todo.ghhtml>. Acesso em: 29 mar. 2025.

INACIO, C. O.; CONTE, E.; HABOWSKI, A. C.; RIOS, M. B. Infância e tecnologias: desafios e relações aprendentes. **TEXTURA - Revista de Educação e Letras**, [S. l.], v. 21, p. 37-58, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/4542>. Acesso em: 15 mar. 2025.

KRIPKA, R.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. In: **CIAIQ2015**, [S. l.], v. 2, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/280924900_Pesquisa_Documental_consideracoes_sobre_conceitos_e_caracteristicas_na_Pesquisa_Qualitativa_Documentary_Research_consideration_of_concepts_and_features_on_Qualitative_Research. Acesso em: 15 mar. 2025.

PAGNO, Marina. Crianças e adolescentes no celular: uso exagerado afeta o cérebro e a concentração; veja o que fazer. **G1**, [S. l.], 14 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/02/14/criancas-e-adolescentes-no-celular-uso-exagerado-afeta-o-cerebro-e-a-concentracao-veja-o-que-fazer.ghhtml>. Acesso em: 29 mar. 2025.

ROSA, P. M. F.; SOUZA, C. H. M. Ciberdependência e infância: as influências das tecnologias digitais no desenvolvimento da criança. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 23311-23321, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/25955/20586>. Acesso em: 15 mar. 2025.

SILVA, J. B.; BILESSIMO, S. M. S.; MACHADO, L. R. Integração de tecnologia na educação: Proposta de modelo para capacitação docente inspirada no TPACK. **Educação em revista**, [S. l.], v. 37, p. e232757, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/gzgFdTsmv9vGmKNQnFPQLQF/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2025.

SOARES, Rafaela. Quatro em cada dez crianças de até 2 anos acessavam a internet no Brasil, em 2024. **R7**, Brasília, 11 fev. 2025. Disponível em: <https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/quatro-em-cada-dez-criancas-de-ate-2-anos-acessavam-a-internet-no-brasil-em-2024-11022025/>. Acesso em: 29 mar. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de orientação: #Menos Telas #Mais Saúde**. Rio de Janeiro: SBP, 2019. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sbp-atualiza-recomendacoes-sobre-saude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital/>. Acesso em: 15 mar. 2025.

Uso excessivo de telas afeta o desenvolvimento das crianças; especialista de Manaus explica. **G1**, Amazonas, 3 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/03/03/uso-excessivo-de-telas-afeta-o-desenvolvimento-das-criancas-especialista-de-manaus-explica.ghhtml>. Acesso em: 29 mar. 2025.